

# RESENHA DO LIVRO *JOÃO UCHÔA CAVALCANTI NETTO: UM PERFIL DO FUNDADOR DA UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ*, DE DEONÍSIO DA SILVA<sup>1</sup>

Marcelo Moraes Caetano

Deonísio da Silva, um dos nossos mais alentados e importantes intelectuais, encontra-se com João Uchôa Cavalcanti Netto, *in memoriam*, para traçar-lhe um perfil que em tudo interessa às plagas brasileiras e internacionais, no que tange primordialmente às questões da educação, mas não somente.

Fato é que nosso país rebrilha um riquíssimo caleidoscópio das mais variadas culturas, etnias, pensamentos. Não foi coincidência que, ainda no século XVI, já se expressassem, a respeito desta nossa terra, pensadores como Thomas Morus e Michel de Montaigne.

E o Rio de Janeiro, inclusa a sua curta aventura guanabarina, pode orgulhar-se de ser uma espécie de microcosmo muito fidedigno à prodigalidade étnico-cultural que o Brasil caldeia e galvaniza.

A cidade – única fora do continente europeu que foi a capital oficial de um império da Europa – tem, ao longo de sua história, produzido personalidades do escol de Doutor João Uchôa Cavalcanti Neto, nascido no dia da padroeira do Brasil: 12 de outubro de 1933. A ligação do jurista e educador com o Rio foi didaticamente explicitada quando a nascitura faculdade que ele fundara, no alvorecer dos anos 1970, cujos primeiros passos ocorreram no seu apartamento em Ipanema, teve como base mais conhecida e inicial de sua fundação, numa sincronicidade, o bairro do Estácio, um dos berços do samba e do carnaval cariocas, tendo sido batizada precisamente como *Estácio de Sá*, antropônimo de ninguém menos do que o fundador da cidade do Rio de Janeiro, em 1º de março de 1565.

Uma verdadeira testemunha de partes significativas da trajetória de sua cidade, Doutor João foi um dos grandes polímatas que o Brasil viu nascer e prosperar. Se pensarmos na época do seu nascimento, chegaremos a

---

1- Com a colaboração de Monique Uchôa Cavalcanti de Vasconcelos e José Roberto Vasconcelos (Rio: Editora Daboit/Ofício, 2025).

vislumbrar aquele Rio recém-saído historicamente da *belle époque*, mas sem nunca deixá-la de verdade, até os dias atuais, como o atesta o carioca como *flanêur*, *boulevardier*, com o espírito de *savoir vivre* da era eduardiana.

João Uchôa, carioca da Ipanema de Vinícius e Tom, foi xará do imperador português que elevou o Rio à capital europeia aludida, mas também foi xará de João do Rio (quão expressivo se torna este nome no contexto aqui descrito!), o escritor imortal da ABL que via “A alma encantadora das ruas” como extensão de características subjetivas, humanas, demasiado humanas; no que convergia, embora por perspectivas distintas, com outro imortal carioca – Machado de Assis.

Pintor, escritor, cineasta, educador, jurista, intelectual de vasta tessitura, João criou uma das mais importantes Universidades do Brasil, de cariz democrático, inclusivo, globalizante, completo, cujos frutos se plantam e se colhem até os dias de hoje, com a digital eterna de seu fundador.

Em 2005 e 2006, eu cursava extensões em psicologia analítica junguiana e literaturas africanas de expressão portuguesa exatamente na Estácio do Estácio/Rio Comprido, onde tudo começou, quando, nos dois anos consecutivos, fui um dos vencedores do concurso de ensaios para universitários promovido pela UNICEF e pela Academia Brasileira de Letras, com prêmios que envolviam solenidades na ABL com presença de membros do júri (entre eles, Arnaldo Niskier, Antonio Carlos Secchin, Ana Maria Machado, Domicio Proença Filho, Evanildo Bechara, que então não fazia parte da ABL), além de publicações dos ensaios vencedores em três idiomas (português, inglês e francês), pela UNICEF, com distribuição das obras vencedoras em mais de 150 países, e viagens à sede da ONU em Paris. Como eu era aluno dos mencionados cursos da Estácio, as placas de premiação exibem o nome da Universidade pela qual tenho tanto carinho e que fez parte da minha vida também em outros momentos: por exemplo, quando fui professor do projeto Vestibular Social da Instituição.

Nas ocasiões da UNICEF-ABL, o Doutor João esteve no auditório da Academia Brasileira de Letras para minhas premiações, e me presenteou com alguns de seus livros, como *João, Entre o mar e as estrelas*, *O Menino*, *Contos bandidos: o equívoco*, onde se pode constatar o excelente ficcionista que foi João Uchôa, com prêmios como o Orlando Dantas, da Academia Brasileira de Letras. Num dos livros, que guardo com intemerato carinho, Doutor João escreve a dedicatória do já longínquo 2005, que até hoje me comove: “Marcelo Caetano, a Estácio e eu nos orgulhamos de você como companheiro. Uchôa”.

Dou *Bravos!* ao Autor e colaboradores da obra, Monique Uchôa

de Vasconcelos e José Roberto Vasconcelos, que perpetuam a memória de brasileiro tão notável. Sobre a pena de Deonísio da Silva, *não* se poderia ter encontrado outra mais bem eleita para o ofício. Doutor João é um brasileiro que comprova um Brasil afortunado e exitoso, que nos enche de esperança e daquele sentimento nascente que encantou Morus e Montaigne.